

## BULLYING NA ESCOLA: ENFRENTAMENTO NA PERSPECTIVA DO DOCENTE

BULLYING AT SCHOOL: FACING TEACHER'S PERSPECTIVE

*Waldinéia Aparecida Rodrigues da Rocha<sup>1</sup>, Leonice Vieira de Jesus Paixão<sup>2</sup>,*

*Jeisabelly Adrienne Lima Teixeira<sup>3</sup>, Nebson Escolástico da Paixão<sup>4</sup>,*

*Cleiciane Faria Soares<sup>5</sup>, Kênia Luiza Ferreira Rocha<sup>6</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo foi elaborado a partir das inquietações que percorreram a minha vida acadêmica, das observações realizadas durante o estágio curricular e da participação enquanto acadêmica do Subprojeto Formação do Regente Alfabetizador, do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / CAPES, desenvolvido no município de Brasília de Minas. Tendo como tema: BULLYING NA ESCOLA: Enfrentamento na perspectiva do docente. De origem inglesa, a palavra bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica. O fenômeno expõe não somente a intolerância às diferenças, como também dissemina os mais diversos preconceitos e covardia nas relações interpessoais dentro dos muros escolares. Essas manifestações de bullies na escola são vista por muitos educadores como “brincadeira de crianças”. E as consequências dessa atitude podem ser desastrosas, desde repetência até homicídio. A pesquisa tem como objetivo central identificar as formas de enfrentamento do bullying pelos docentes e foi realizada nas primeiras séries do ensino fundamental, tendo como público alvo os professores das series iniciais do Ensino Fundamental. A fundamentação teórica desse trabalho baseia em autores que discutem esta temática, dentre eles se destacam: Lopes Neto (2011), Silva (2010), Constantini(2004), Cubas (1993) e Debarbieux (2001) dentre outros. A pesquisa desenvolveu-se em três momentos: primeiro foi realizada uma revisão bibliográfica, no segundo momento foi realizada uma pesquisa empírica e de campo, onde utilizamos um questionário e no terceiro momento uma observação dos procedimentos que a escola investigada utiliza nas práticas pedagógicas visando o combate do bullying, bem como suas concepções e frequências com que lidam com o problema. Nesse sentido, pretendemos com a pesquisa esclarecer e compreender melhor o bullying, ou seja, comportamento de violência, agressividade verbal e física, repetida pela mesma pessoa que, com ou sem intenção, se transforma em traumas psíquicos muitas vezes irreversíveis para agressores e suas vítimas de acordo com o grau de intensidade da angústia e sofrimento. Na observação percebemos que na escola investigada, o fenômeno embora se encontre em nível inicial, os atos de bullying ocorrem de forma direta chegando a agressões físicas. Mesmo sendo um novo desafio a ser enfrentado pelos docentes alguns demonstraram que sabem lidar com o fenômeno, contudo falta um programa antibullying na escola para que os docentes possam melhor intervir no problema.

**Palavras Chave:** bullying; enfrentamento; docente.

**ABSTRACT:** This monograph was developed from the concerns that have come my academic life, from observations made during the curricular and academic participation as the Regent Training Subproject literacy, the Pibid - Institutional Programs of Scientific Initiation Scholarships / CAPES, developed in the city of Brasília

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, [neynharodrigues@yahoo.com.br](mailto:neynharodrigues@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, [leonicepibid2011@gmail.com](mailto:leonicepibid2011@gmail.com)

<sup>3</sup> Instituto Superior de Educação Verde Norte - FAVENORTE, [jeisabellyadrienne@gmail.com](mailto:jeisabellyadrienne@gmail.com)

<sup>4</sup> Instituto Superior de Educação Verde Norte - FAVENORTE, [nebsonescolastico@hotmail.com](mailto:nebsonescolastico@hotmail.com)

<sup>5</sup> Instituto Superior de Educação Verde Norte - FAVENORTE, [cleicianeprof@gmail.com](mailto:cleicianeprof@gmail.com)

<sup>6</sup> Instituto Superior de Educação Verde Norte - FAVENORTE, [kenialui@hotmail.com](mailto:kenialui@hotmail.com)

de Minas. With the theme: BULLYING IN SCHOOL: Facing the prospect of teaching. English in origin, the word bullying is a set of attitudes of physical and / or psychological. The phenomenon not only exposes the intolerance of differences, but also the most diverse spread prejudice and cowardice in interpersonal relationships within the school walls. These manifestations of bullies in school are seen by many educators as "child's play". And the consequences of this attitude can be disastrous, since repetition even murder. The research aims to identify the central ways of coping with bullying by teachers and was made in the early grades of elementary school, having as target the initial series of teachers of elementary school. The theoretical foundation of this work is based on authors who discuss this issue, among them are: Lopes Neto (2011), Silva (2010), Constantini (2004), Cubas (1993) and Debarbieux (2001) among others. The survey was developed in three stages: first a literature review was performed on the second time a survey was conducted empirical and field, where we used a questionnaire and the third time an observation of procedures that investigated school uses teaching practices aimed at combat bullying, as well as their conceptions and frequency with which they deal with the problem. We intend to research clarify and better understand bullying, or violent behavior, verbal and physical aggression, repeated by the same person who, intentionally or unintentionally, becomes often irreversible psychological trauma to victims and aggressors according to the intensity of agony and suffering. In observation we realize that the school investigated, although the phenomenon is in initial level, acts of bullying occur directly reaching assaults. Even as a new challenge to be faced by teachers showed that some know how to deal with the phenomenon, but lack anti-bullying program at the school so that teachers can better intervene in the issue. The research is ongoing.

**Key-words:**bullying; coping; teacher.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada enquanto acadêmica participante do Subprojeto Formação do Regente Alfabetizador, do PIBID / CAPES, sendo esse também elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, integrado às atividades curriculares do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros – MG.

A escolha do tema surgiu a partir de situações vivenciadas durante a minha trajetória escolar e durante os estágios curriculares desenvolvidos no decorrer do curso, bem como na observação de algumas situações ocorridas enquanto acadêmica participante do Subprojeto “Formação do Regente Alfabetizador” do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / CAPES, desenvolvido em uma escola da rede pública do município de Brasília de Minas.

O trabalho se intitula “BULLYING NA ESCOLA: Enfrentamento na perspectiva do docente” e tem como objetivo central identificar as formas de enfrentamento do bullying pelos docentes e quais as estratégias utilizadas para combatê-lo, bem como suas concepções e a frequência com que lidam com o problema.

Práticas de violência, discriminação e preconceito são frequentemente vivenciados pelos educandos no cotidiano das escolas e muitas vezes representam grandes desafios para professores, comunidades escolares e pais. Mediante esse contexto, as instituições

educacionais se veem obrigadas a lidar com fenômenos como o bullying que, embora sempre tenha existido nas escolas de todo o mundo, hoje ganha dimensões muito mais graves. De origem inglesa, a palavra “bullying” corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino. O fenômeno expõe não somente a intolerância às diferenças, como também dissemina os mais diversos preconceitos e a covardia nas relações interpessoais dentro dos muros escolares. Essas manifestações de bullies na escola são vistas por muitos educadores como “brincadeiras de crianças”, mas as consequências dessa atitude podem ser desastrosas, indo desde a repetência até ao homicídio.

A pesquisa foi desenvolvida em três momentos: no primeiro, foi realizada uma revisão bibliográfica com autores que estudam essa temática dentre destacamos: : Lopes Neto (2011); Silva (2010); Constantini (2004); Cubas (1993) e Debarbieux (2001), dentre outros, no segundo momento foi realizada uma pesquisa empírica e de campo, na qual utilizamos para coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas e, no terceiro momento, uma observação dos procedimentos que a escola investigada utiliza nas práticas pedagógicas visando ao combate do bullying, bem como suas concepções e a frequência com que lidam com o problema.

## 2. BULLYING – UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Em toda a existência da humanidade a violência sempre se fez presente, tendo configurado as crianças as suas maiores vítimas. Com isso, o conceito de violência, quando relacionado com as crianças e os adolescentes, muda de acordo com as visões culturais e históricas. É preciso deixar claro que a ideia de que a violência seja uma manifestação social recente não é real, sendo mais antiga, como os primeiros núcleos civilizatórios. Diante disso e das mudanças sociais, o conceito de violência vem sendo ampliado, levando em consideração o bem-estar e os efeitos negativos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Segundo Lopes Neto (2011):

As escolas exercem influência considerável sobre o desenvolvimento social, cognitivo e comportável da criança. Um ambiente escolar desorganizado causa impactos negativos não só sobre o aprendizado das crianças, como também sobre a capacidade dos professores para gerir eficazmente o comportamento dos educandos em sala de aula. (LOPES NETO, 2011, p. 20)

Portanto, o espaço escolar, que é visto como ambiente de aprendizagens, por vezes pode propiciar que os conflitos (explícitos ou implícitos) ali sejam vivenciados e até

copiados como modelos de comportamento por algumas crianças e jovens. Nesse sentido, o espaço escolar deve ser estudado e avaliado, dando ênfase às diversas formas de violência praticadas e sofridas por crianças e adolescentes.

Para um maior entendimento da pesquisa desenvolvida, faz-se necessário abordar algumas definições de violência no espaço escolar.

Debarbieux (2001) acredita que

Definir a violência na escola e, antes, mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como seu campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central. (DEBARBIEUX, 2001, p. 164)

O termo “violência na escola”, diz respeito, amplamente, a qualquer comportamento agressivo e antissocial que ocorra no espaço escolar, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, entre outras práticas. Mediante essa explicação, procuraremos focar a temática definindo e separando-a do conceito de “violência escolar”, ou seja, dos inúmeros atos agressivos entre estudantes.

## **2.1. A inserção da criança na escola**

A entrada da criança em uma instituição educacional é um momento marcante, que gera ansiedade tanto para os alunos quanto para os seus pais e professores. Essa ansiedade pode variar muito, pois depende das manifestações emocionais e do tempo de duração em que se efetiva todo esse processo. Quando inseridas no ambiente escolar, as crianças deixam de contar com a proteção dos pais e passam a conviver apenas com seus pares, buscando conquistar espaços, aceitação e a convivência social segura e prazerosa. De acordo com Lopes Neto (2011, p. 10), o espaço escolar é único, pois não há um ambiente onde se concentre, quase que diariamente, um número tão grande de crianças e adolescentes desacompanhados.

Durante esse período, grande número de crianças fracassam e tornam-se vítimas de agressões físicas ou morais, ou adotam comportamentos agressivos, prepotentes e individualistas.

Esse conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão e tirania, assim como as formas mais frequentes de violência contra crianças e adolescentes é conhecido como bullying.

O bullying surgiu como uma espécie de “elo perdido”, pois é uma forma de violência que preenche, exatamente, o espaço entre a casa e o mundo, ocupado tradicionalmente pelas escolas. (LOPES NETO, 2011, p. 10)

Sendo este um fenômeno mundial, tão antigo como a escola, que ocorre em toda e qualquer instituição escolar, esse tema só passa a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Embora o termo bullying tenha surgido na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrava preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências, foi na Noruega que esse fenômeno começou a ser mais estudado pelo pesquisador Olweus (1993), ainda sem maiores interesses por parte das instituições de ensino. Somente após o suicídio de vítimas que sofriam de bullying, as escolas despertaram para a problemática, vindo a receber na década de 1990 um reconhecimento maior devido aos casos de assassinatos ocorridos em escolas dos Estados Unidos, principalmente na escola de Columbine, Littleton, estado do Colorado. Esse fato tornou-se, portanto, motivo de apreensão entre pais e professores, que passaram a utilizar os meios de comunicação para demonstrar seus temores e angústias sobre os acontecimentos, uma vez que esse problema cresce de forma acelerada, a ponto de estudiosos o classificarem como um conflito global.

O bullying é um fenômeno universal presente em todas as escolas e já percebido entre estudantes, desde a educação infantil até os adolescentes. Em função de tudo que foi exposto, a partir da década de 90 tem sido desenvolvido um intenso trabalho sobre o bullying em vários países, tanto por instituições privadas, quanto governamentais.

No Brasil, as pesquisas e a atenção voltadas para o tema começam a ser abordadas junto à sociedade a partir do ano 2000, quando Cléo Fonte e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa sobre o assunto. A partir de 2001 a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) dedicou-se a estudar, pesquisar e divulgar esse fenômeno tão pouco discutido. Em estudo realizado em 2009 pelo IBGE, constatou-se que um terço dos alunos entrevistados (30,8%) em 1.453 escolas públicas e privadas de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal já foram vítimas de agressão na escola.

## 2.2. O que é bullying

O bullying é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interagem como, por exemplo, na escola, sendo uma forma mais frequente de violência contra crianças e adolescentes. A palavra ainda é pouco conhecida do grande público, sendo de origem inglesa e sem tradução no Brasil. Trata-se de um conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de tirania e dominação de um grupo sobre outros ou de uma pessoa sobre a outra.

Segundo Lopes Neto (2011),

Nem todas as agressões podem ser classificadas como bullying, mas todos os atos de bullying são agressões danosas e derivadas de comportamentos hostis e prepotentes, não importando a forma como são praticadas. (LOPES NETO, 2011, p.13 )

Algumas características da prática de bullying modificam-se de acordo com a idade dos protagonistas: a predominância desse fenômeno já é observada na educação infantil a partir dos três anos, chegando a sua maior incidência na faixa de 11 a 13 anos, quando a criança passa pela puberdade. Em se tratando de bullying escolar, este é definido como atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivo, provocado por um grupo de estudantes, produzindo dor e angústia.

Lopes Neto (2011) afirma que:

a prática do bullying não deve ser considerada como característica normal do desenvolvimento do adolescente, mas sim um indicador de risco para a adoção de comportamentos violentos mais graves, incluindo o porte de armas. (LOPES NETO, 2011, p.19 )

Existem várias ações que podem ser entendidas como atos de bullying, desde que executados de forma repetida:

Apelidar	Ofender	Enganar
Dar Um Gelo	Humilhar	Debochar
Ameaçar	Ser Indiferente	Excluir
Empurrar	Quebrar Pertences	Violentar
Chutar	Furtar	Gozar

As vítimas são os indivíduos considerados mais fracos e frágeis dessa relação, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de “brincadeiras” maldosas e intimidadoras. Segundo Cléo Fonte (2005), os atos de bullying entre alunos apresentam determinadas características comuns, como descreve a seguir:

- Comportamentos deliberados e danosos, produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima;
- Apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima;
- Não há motivos evidentes.

O bullying divide-se em duas categorias:

- ❖ Bullying direto, que é a forma mais comum entre agressores masculinos, por meio de agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger);
- ❖ Bullying indireto, sendo comum entre mulheres e crianças, caracterizado pelo isolamento social da vítima e pela disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação.

A primeira forma é mais fácil de ser percebida, pois se caracteriza como ataques abertos à vítima, enquanto a segunda é um tipo de agressão mais sutil e, por isso, mais difícil de ser percebida, pois é manifestada por meio de caretas ou gestos obscenos para as vítimas, sendo que os agressores manipulam relacionamentos, e essas se isolam e excluem colegas das atividades sociais.

### 2.3. Os protagonistas do bullying escolar

Segundo as pesquisas desenvolvidas por Olweus, foi possível traçar o perfil de vítimas e agressores dos casos de bullying nas escolas.

Segundo estudiosos, a vítima se classifica em três tipos:

- ❖ Vítima típica

Em geral é tímida ou reservada, não conseguindo reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra ela. É pouco sociável, sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros, possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, baixa autoestima; alguma dificuldade de aprendizagem. Sente-se infeliz, sofre com o medo, a vergonha e a depressão. Geralmente apresenta “marcas” que a rotulam e a diferenciam dos outros alunos: é gordinha ou magérrima, alta ou baixa demais, usa roupas fora da moda, enfim, alguma coisa que fuja ao padrão imposto pela sociedade.

As vítimas típicas costumam desenvolver alguns transtornos, dentre eles o TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo), que é algo intrigante para psicólogos e psiquiatras. Conhecida como “manias”, o TOC se caracteriza por pensamentos ruins, intrusivos e recorrentes, causando ansiedade e sofrimento. No intuito de eliminar tais pensamentos, o portador passa a adotar comportamentos repetitivos e ritualizados. O transtorno também pode se manifestar de diferentes formas, como a “mania” de checagem ou verificação. Diversas outras “manias” também são muito comuns, e todas trazem prejuízos incalculáveis para a vida

do indivíduo, pois além de tornar-se prisioneiro da própria mente, ele perde muito tempo do seu dia cumprindo seus rituais.

#### ❖ Vítima provocadora

É aquela capaz de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesma, no entanto, não consegue responder aos revides de forma satisfatória. Geralmente fazem parte desse grupo crianças e adolescentes hiperativos e impulsivos ou imaturos, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente escolar. Ela tenta sempre revidar quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados.

#### ❖ Vítima agressora

Reproduz os maus-tratos sofridos procurando uma vítima mais frágil e vulnerável, “descontando” todas as agressões sofridas, transformando o bullying em um ciclo vicioso.

Segundo Cubas (1993), um aluno é vítima de bullying quando está exposto constantemente às ações negativas de um ou mais alunos. De acordo com Silva (2010), o abuso do poder, a intimidação e a prepotência são estratégias adotadas pelos bullies para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.

#### ❖ Os agressores

São de ambos os sexos, possuem caráter violento e perverso, com poder de liderança, obtido por meio da força e da agressividade. Geralmente agem sozinhos ou em grupo. Quando estão acompanhados, suas agressões ganham reforço exponencial, aumentando assim sua capacidade de produzir mais e novas vítimas. Não aceitam ser contrariados ou frustrados e estão quase sempre envolvidos em roubos/vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. Geralmente têm déficit no desempenho escolar, não caracterizando dificuldade de aprendizagem.

Os outros já podem ser identificados desde a educação infantil, a partir dos três anos de idade, por suas características agressivas. O sexo masculino pratica mais bullying do que o sexo feminino, apresentando relativamente maior dificuldade de relacionamento.

Os autores de bullying podem ser classificados em três tipos:

- Autores típicos: são muitos populares, sentem-se confiantes e seguros, porém estão sempre insatisfeitos com a escola. Possuem também satisfação em causar danos e sofrimentos a outros.

- Autores passivos ou seguidores: participam das intimidações, mas não tomam a iniciativa, são aconselhados a procurar uma vítima para si, mas mesmo assim submetem-se ao domínio dos autores típicos, com o intuito de evitar que sejam alvos de bullying. Suas participações podem ser estratégicas, para preservar a imagem dos outros autores típicos.
- Alvos/autores: ora sofrem, ora praticam o bullying.

Existem vários fatores que podem conduzir um estudante a se tornar autor de bullying. Contudo, algumas crianças e adolescentes que vivem em condições familiares adversas parecem ter maior predisposição para desenvolver agressividade. Crianças e adolescentes autores frequentes de bullying têm mais probabilidade de: aderirem ao consumo de álcool e drogas, faltarem às aulas, evadirem-se da escola e envolverem-se em brigas.

Embora alguns autores sejam rejeitados, geralmente são populares, respeitados e até admirados. Tanto os estudantes autores como os alvos/autores são agressivos, no entanto alvos/autores apresentam características peculiares, que os distinguem dos autores e das testemunhas:

- Têm poucas amizades;
- Sentem-se inseguros;
- Têm atitudes negativas sobre si e sobre os outros;
- Seu desempenho escolar é baixo;
- São rejeitados e isolados por seus pares, por causa da tensão e irritação;
- Adotam com mais facilidade a violência física, incluindo o porte de armas, a hostilidade e a violência continuada contra outros.

Essas características se distinguem das apresentadas pelos autores típicos, pois em seu comportamento optam pelo uso da violência física.

Esse grupo merece uma maior atenção, pois apresentam problemas relacionados à depressão, ansiedade, autoagressão, pensamentos suicidas e até mesmo o suicídio.

❖ Os espectadores ou observadores

São estudantes que não têm envolvimento com agressões do bullying. São aqueles que apenas testemunham o episódio, mas não têm qualquer atitude no sentido de defender o agredido, e nem na participação da agressão, mas convivem no ambiente onde o fenômeno

está presente. Todas essas características acabam exercendo influência sobre o seu desempenho escolar e relacionamento social na escola.

Os espectadores se dividem em três diferentes grupos.

❖ Os espectadores passivos:

Em geral, eles assumem essa postura por medo de se tornarem vítimas. Ao receberem ameaças explícitas, eles não concordam e até evitam as atitudes dos bullies, contudo ficam de mãos atadas para defender as vítimas. Os espectadores passivos, como também são chamados, estão propensos a sofrer as consequências psíquicas, por terem uma estrutura psicológica frágil.

❖ Espectadores ativos:

São alunos que, embora não estejam ligados aos ataques, demonstram “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Embora não se envolvam diretamente, não deixam de se divertir com o que veem. Além do mais, misturados aos espectadores encontram-se os verdadeiros articuladores dos ataques “camuflados” de bons, observando e se divertindo com o episódio.

❖ Espectadores neutros

São alunos insensíveis às situações do bullying, que presenciam, no entanto – devido ao próprio contexto sociocultural em que convivem (lares desestruturados) – acabam por não se manifestar. Adotam a “lei do silêncio”, contribuindo com a impunidade e o crescimento da violência por parte dos agressores.

Os espectadores são na maioria estudantes que sofrem algum tipo de influência e reagem de diversas formas. Segundo os dados fornecidos pela ABRAPIA (2003), os estudantes entrevistados, que totalizaram 4.896, ou seja, 82,4%, responderam inclinando-se negativamente em relação ao bullying. Além dos sentimentos negativos, eles ainda pensam que não é problema seu, não se sentem capazes de cessar o bullying, não sabem como agir e têm medo de chamar a atenção dos agressores para si.

Ainda segundo Silva (2010),

Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o bullying. (SILVA, 2010, p. 48)

Ainda segundo a ABRAPIA, nas opiniões individuais dos estudantes pesquisados, a maioria revela simpatia pelas vítimas e desaprovação aos atos de bullying. Entretanto, as

reações positivas/negativas diante das agressões podem ser influenciadas pela interação com os grupos nos quais os mesmos convivem, chegando até a mudar seus próprios princípios.

## 2.4. Bullying Digital ou Cyberbullying

Recentemente surgiu uma nova forma de bullying denominado de Cyberbullying. É uma modalidade de bullying que vem preocupando pais, professores, psicólogos e psiquiatras. Essa modalidade é classificada como forma indireta, sendo iniciada entre estudantes que fazem uso de diversos recursos tecnológicos. Estes utilizam na sua prática os mais modernos instrumentos da tecnologia na área de informação e da comunicação, sendo ela fixa ou móvel, com o intuito de constranger ou maltratar suas vítimas. No bullying, as formas de maus-tratos são muitas, contudo acontecem no mundo real, facilitando reconhecer seus agressores. No Cyberbullying, entretanto, os idealizadores ficam no anonimato garantido pelos próprios meios, pois é possível criar um perfil falso, por exemplo. Com essa garantia, o agressor se torna um fantasma que passa a destruir a vida de suas vítimas sem deixar rastros.

O Cyberbullying é classificado de duas formas:

- Reforço para agressão praticada pessoalmente: os autores consideram essa uma forma mais requintada, que acontece quando o assédio tradicional não é mais interessante. Aqui o agressor é identificado com facilidade, uma vez que o mesmo já é autor do bullying presencial;
- Agressão inédita: Os meios tecnológicos são usados para hostilizar seus alvos, sem motivo aparente.

Os atos de bullying digital normalmente acontecem fora do ambiente escolar, mas pesquisas comprovam que autores identificados e seus alvos frequentam a mesma escola.

## 2.5. Como identificar os envolvidos

Segundo Dan Olwe, importante pesquisador sobre o assunto, é importante que pais e professores estejam atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, levando em conta o comportamento de cada um em situação de bullying escolar.

Determinar os alunos agressores, vítimas ou espectadores é muito importante para elaborar estratégias contra o bullying. Sendo assim, é necessário ter atenção aos comportamentos que os mesmos apresentam, tanto na escola quanto em seus lares.

### Vítimas

As vítimas de bullying estão frequentemente isoladas do grupo. No recreio e na sala de aula estão retraídas, faltam frequentemente, estão sempre com a autoestima baixa. Geralmente em casa queixam de dores de cabeça, apresentam mudanças de humor, bem como mentem.

## Agressor

No ambiente escolar, os agressores têm como atitude colocar apelidos pejorativos, insultam, ameaçam, constrangem, estragam o material de terceiros. Em casa não respeitam hierarquias, são arrogantes e costumam voltar com a roupa amassada. Os bullies se portam como se nada tivesse acontecendo.

Silva (2010) diz que

o maior desafio na identificação dos atores e dessa triste “peca” chamada bullying é distinguir os agressores que podem ser dissuadidos desse papel e transformados em guerreiros conta a violência escolar, daqueles que já exibem, desde muito cedo, uma natureza desprovida de afetividade. Perceber essa diferença é tal qual separar o joio do trigo. (SILVA, 2010, p. 5)

## Espectadores

Os espectadores tendem a ficar calados, tanto em casa quando na escola, por isso a identificação necessita de uma minuciosa observação, uma vez que os comportamentos não são tão marcantes.

## **2.6. As consequências do bullying para a escola e para sociedade**

As instituições educacionais se veem obrigadas a conviver com fenômenos como o bullying, que embora sempre se fez presente, hoje ganha dimensão incalculável. Além da intolerância às diferenças, o fenômeno também dissemina os mais diversos preconceitos e a covardia nas relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar.

O ambiente escolar, por si só, poderá gerar comportamentos agressivos e a violência. Mesmo com todo o controle e as regras existentes, os riscos de esses comportamentos se desenvolverem muitas vezes não são controlados. Embora sua ocorrência seja mais frequente em escolas de baixo poder aquisitivo, onde a estrutura da escola não é adequada, com corpo docente, supervisão e direção desprovidos de uma preparação adequada, o bullying é um fenômeno que atinge tanto as escolas públicas quanto as privadas. De acordo com Lopes Neto (2011), é consenso mundial que não há escola sem bullying, e mesmo que todos os recursos sejam aplicados e que todos se empenhem em combatê-lo, o comportamento agressivo e prepotente não será “zerado” jamais. Portanto, se alguém afirmar que em determinada escola

não há casos de bullying, esse indivíduo não conhece o que é bullying ou quer negar a sua existência. (2011, p. 81).

O bullying exerce grande influência sobre a vida escolar de crianças e adolescentes, e pode ser decorrente de um problema com a adaptação/vínculo com a escola, prejudicando a capacidade e o interesse de aprender, além de comprometer o processo de socialização, podendo favorecer até a evasão escolar.

De acordo com Middelton-Moz (2007), as crianças que foram torturadas pelo bullying podem carregar traumas por toda a vida, tornando-se adultos problemáticos. Podem, quando jovens, abandonar a escola, isolar-se da sociedade, sofrer depressão crônica, apresentar transtornos psicológicos irreparáveis, diminuir a autoestima ou até mesmo suicidar-se. Às vezes, algumas das vítimas podem reagir contra seus agressores e todos a sua volta, por sempre se omitirem às práticas de bullying na escola e não se manifestarem a favor dos agredidos. As testemunhas também são afetadas por essa violência, tornando-se temerosas e silenciosas.

Possivelmente, aquele que pratica o bullying pode apresentar o mesmo comportamento desviante em todo segmento social em que se encontre, tornando o ambiente ao seu redor sempre explosivo e conturbado, devido às suas críticas e vidências verbais, ficando passível ao envolvimento com drogas e propenso à prática da criminalidade.

Ao perceber que a agressividade impune é crescente, podendo envolver professores/funcionários, ou mesmo se estender para fora da escola, muitos estudantes podem se aliar a esse comportamento, tornando esses atos corriqueiros e aumentando o índice de agressividade dentro e fora das escolas.

## **2.7. Programas antibullying**

Sendo a violência considerada o maior problema de saúde pública e o bullying um fenômeno universal que existe em todas as escolas, ações e programas podem e devem representar um papel fundamental na redução desse fenômeno. Sendo assim, tal redução poderá ser efetivada por meio de programas preventivos e ações de combate nos casos já evidenciados, fazendo-se necessária uma parceria entre escolas, famílias e setores que lutam pela redução da violência.

Para que o bullying seja reduzido nas escolas, é necessária a adoção de políticas antibullying pautadas no desenvolvimento de um trabalho contínuo.

Não há ações antibullying bem sucedidas sem a colaboração da comunidade escolar. Ainda de acordo com Constantini (2004),

Os adultos, enquanto educadores, têm um papel central na construção de contextos educativos significativos. Sejam pais, professores ou quem quer que esteja em contato com os jovens, é importante que os adultos tenham consciência de seu papel, que requer atenção e sensibilidade (...) (CONSTANTINI, 2004, p. 79)

Para um sucesso adequado das implantações dos programas nas escolas deve-se conscientizar os professores sobre o fenômeno bullying e sobre a necessidade de elaboração de estratégias proativas visando a prevenção desse fenômeno. Essas estratégias são classificadas das seguintes formas:

- As ações primárias têm por objetivo atingir todos os estudantes;
- As ações secundárias são dirigidas para crianças/adolescentes já identificados como agressivos ou que podem adotar esse comportamento.

Cada escola tem autonomia para criar ou desenvolver suas próprias estratégias de combate ao bullying, observando as influências culturais, sociais e econômicas exercidas pela comunidade atendida. Este é ainda um caminho longo e sem descanso, mas os frutos surgem após algum tempo, sempre tendendo a melhores colheitas.

A violência e a falta de disciplina dos alunos no espaço escolar é um dos temas que têm suscitado muita discussão e a tomada de medidas por parte das instituições se faz necessária.

PEREIRA (2002) propõe dois níveis de soluções:

As **medidas a longo prazo** assentam na formação inicial dos futuros docentes, pois parece existir alguma dificuldade dos docentes em lidar com os comportamentos de indisciplina e violência dos alunos, por esta ser uma lacuna em sua formação inicial.

O efeito dessa medida não é imediato, mas será certamente duradouro. A formação centrada nos conteúdos é fundamental, mas também o processo de ensino-aprendizagem, a prevenção e o controle da indisciplina e da violência são indispensáveis.

As **medidas a curto prazo** passam pelo projeto educativo da escola, no qual devem estar definidas as políticas globais de forma simples e clara, de modo a envolver toda a comunidade educativa.

O regimento escolar deve conter as normas do comportamento esperado em nível dos alunos, docentes e funcionários. Em caso de não cumprimento das normas, as sanções devem

ser explícitas e, para serem cumpridas, devem ser aprovadas depois de ouvidos os alunos, docentes, funcionários, a associação de pais e os encarregados de educação. Os seguintes pontos, portanto, devem ser repensados:

- projeto educativo e regulamento disciplinar;
- sensibilização e formação dos docentes, funcionários, pais ou encarregados de educação;
- melhoramento dos recreios;
- oferta de desporto escolar e outras atividades de ocupação de tempos livres.

## 2.8. Caminho para a legislação

Apesar de o termo ser relativamente novo, o bullying existe há muito tempo. Crianças que sofrem agressões psicológicas e físicas por não se enquadrarem em padrões estéticos ou determinados modelos de comportamento existem há muitas gerações. Só recentemente os educadores passaram a coibir sistematicamente a prática, considerando os possíveis danos ao desenvolvimento intelectual e social das vítimas.

Visto que os atos de *bullying* ferem princípios constitucionais e o Código Civil, o mesmo determina que todo ato ilícito que cause danos a outros gera o dever de indenização. O responsável pelo ato de *bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, levando em consideração que as escolas prestam serviço aos consumidores e, dessa forma, são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

O grande desafio da rede pública consiste na vigilância e identificação rápida de casos de bullying. Nesse sentido, a Comissão de Educação do Senado aprovou projeto em caráter terminativo a lei que obriga as escolas a prevenir e combater o bullying. Ele segue direto para a Câmara, para apreciação da Câmara dos Deputados. A proposta, de Gim Argello (PTB-DF), autor do projeto, é incluir na LDB, entre as obrigações das instituições de ensino, a promoção de um ambiente seguro, adotando estratégias de prevenção e combate ao bullying.

O autor do projeto destaca que a intenção é evitar que as crianças sejam vítimas desse tipo de ação. Os efeitos do bullying são deletérios, causando enorme sofrimento às vítimas. Isso é ainda mais grave quando se trata de bullying nas escolas, por afetar indivíduos de tenra idade, cuja personalidade e sociabilidade estão ainda em desenvolvimento.

## 3. PERCURSO DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino de Brasília de Minas - MG durante os meses de julho e agosto de 2012, visando identificar as formas de enfrentamento do bullying pelos docentes.

Para melhor esclarecimento acerca do fenômeno, foi realizada uma revisão bibliográfica, seguida de uma pesquisa empírica e de campo por meio de questionário aplicado aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, visando identificar a ocorrência do bullying e a utilização de estratégias pelos docentes no intuito de prevenir e combatê-lo no ambiente escolar. Segundo Martins e Bicudo (1989), o enfoque qualitativo presta-se ao estudo da complexidade nas ciências humanas, por fundamentar-se no modo de ser do homem.

(...) pode se dizer que só haverá Ciência Humana se se visar à maneira pela qual as pessoas, ou grupos delas, representam as palavras para si mesmas, utilizando suas formas de significados; como elas compõem discursos reais; como revelam ou desconhecido para elas mesmas; como revelam mais ou menos o que desejam. Mas, de qualquer maneira, as pessoas ou o grupo de pessoas deixam um conjunto de traços verbais dos pensamentos que devem ser decifrados, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa, se se quiser fazer Ciência Humana. Assim, os conceitos sobre os quais as Ciências Humanas se fundamentam, em um plano de pesquisa qualitativa, são elaborados pelas *descrições*. (Martins e Bicudo, 1989, p.43).

Em um terceiro momento, foi realizada uma observação dos procedimentos que a escola investigada utiliza nas práticas pedagógicas visando o combate ao bullying, bem como suas concepções e a frequência com que lidam com o problema. Com esse estudo, buscou-se também entender quais as consequências negativas para vítimas/agressores no desenvolvimento social e no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos.

Optamos pela observação, pois de acordo com Lakatos (2007, p. 193), “a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. TRIVIÑOS (1987, p. 153) acrescenta que “Observar, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto [...] algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características”.

Desse modo, a pesquisa de campo é oportuna, pois permite “[...] conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.” (LAKATOS & MARCONI, 2007, p. 188)

Nesta pesquisa foi solicitada a participação de 20 (vinte) professores, porém somente 15 (quinze) docentes aceitaram participar da pesquisa. Estes demonstraram interesse e firmeza ao responder as questões.

A identidade dos participantes da pesquisa será resguardada por questões éticas, e os participantes serão aqui identificados por sua função, acrescida de um número.

### **3.1. Caracterização do espaço pesquisado**

A Escola Estadual João Beraldo é uma escola da rede pública estadual do município de Brasília de Minas. Situada no centro da cidade, atende em sua maioria alunos de classe baixa e média, dedicando-se somente ao Ensino Fundamental. O prédio possui boas instalações, contudo não está totalmente adaptado para a inclusão. Os espaços para lazer são amplos e arejados, porém as salas não estão em boas condições, necessitando de algumas reformas. A escola possui banheiro masculino e feminino para os alunos e um para os professores, boa iluminação e as salas de aula são bem arejadas. O uso do uniforme é uma satisfação para a escola, porque contribui para o aspecto visual e disciplinar, entretanto não é obrigatório, e sim para atender a uma caracterização e identificação do aluno. A equipe de profissionais da educação que compõem esta escola possui graduação e/ou pós-graduação, além de várias capacitações para se manterem atualizados. No turno matutino e vespertino, nos quais se realizou a pesquisa, funcionam turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental. A instituição prima por manter constante comunicação com a família, mesmo com aquelas cujos pais são mais distantes do processo educacional, com o intuito de que os alunos não sejam prejudicados em seu processo de aprendizagem. Prima também pela qualidade e parceria entre a escola e a comunidade escolar.

### **3.2. Coleta de dados**

A escolha dessa escola se deu durante o período de participação como estagiária do subprojeto PIBID - Formação do Regente Alfabetizador. A dificuldade encontrada para a pesquisa se deu pelo fato de os professores muitas vezes não disporem de tempo para serem pesquisados. Acredito que muitos professores não aceitam participar das pesquisas também por medo ou, ainda, para não terem trabalho em responder o questionário.

Outra dificuldade é a entrega do questionário pelos entrevistados, que se prolonga por vários dias, isso quando os questionários não somem durante essa jornada. Mas, em se

tratando das professoras pesquisadas, essas questões não foram tão difíceis de serem resolvidas.

### 3.3. Análises dos dados

Após o recolhimento dos questionários, iniciou-se a análise e a interpretação e sistematização dos dados coletados. Procurou-se estabelecer algumas reflexões sobre a confrontação dos dados obtidos e a análise crítica dos resultados apresentados, considerando, contudo, o caminho teórico percorrido.

No quadro abaixo temos o perfil dos professores participantes da pesquisa.

PROFESSORES	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA
P1	*1	*1	10 anos
P2	Normal Superior	-----	21 anos
P3	*1	*1	22 anos
P4	Normal Superior	-----	07 anos
P5	Normal Superior/Pedagogia	-----	+ de 12 anos
P6	Pedagogia	-----	02 anos
P7	Normal Superior/Pedagogia	-----	15 anos
P8	Normal Superior	-----	24 anos
P9	Normal Superior	-----	20 anos
P10	Magistério/Normal Superior	Psicopedagogia	32 anos
P11	Normal Superior	Psicopedagogia	23 anos
P12	Pedagogia	-----	02 anos
P13	Normal Superior	Inspeção Escolar	22 anos
P14	Magistério/História	-----	13 anos
P15	*1	*1	*1

\*Fonte: questionário aplicado aos professores nos meses de julho e agosto de 2012.

\*1os professores não especificaram a formação profissional e o tempo de docência.

Com relação aos professores regentes do Ensino Fundamental participantes da pesquisa, são todos do sexo feminino. A presença do sexo feminino prevaleceu em função do próprio contexto, no qual podemos perceber uma prevalência desse sexo em razão de vários fatores históricos, sociais e culturais.

Nota-se que os entrevistados foram identificados por professores P1, P2, e assim sucessivamente, preservando, pois, sua identidade. Dos pesquisados, 11 professores (73%) possuem formação superior específica para atuar na área, 3 professores (20%) não possuem formação superior e 1 professor (7%) não possui formação na área de atuação, sendo licenciada em História.

Com relação à especialização dos entrevistados, somente 3 professores (20%) possuem especialização, o que demonstra que existe o interesse de alguns professores em participar de formação continuada. Os demais apontaram a falta de recursos para a não realização de uma especialização.

De acordo com Medina e Dominguez (1989),

[...] consideremos a formação de professores como a preparação e emancipação profissional do docente para realizar criticamente, reflexivamente e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-ação inovador, trabalhando em equipe com os colegas para desenvolver um projeto educativo comum. (MEDINA e DOMINGUEZ, 1989, p.87)

É de suma importância que os professores continuem seus estudos, mesmo após a graduação, pois, dessa forma, terão subsídios para continuar a explorar melhor ainda a cognição dos alunos em suas aulas. Além disso, a formação continuada proporciona uma atualização profissional, na medida em que oferece acesso às novas descobertas na área educacional. A respeito da importância da formação do professor, Freire destaca esse momento como de fundamental importância para a reflexão sobre a prática e reforça dizendo que “é pensando a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (1996, p.43).

Colaborando com o pensamento de Freire (1996), Paixão (2008) aponta que

A formação continuada pode ser entendida como um processo de constituição do sujeito, do educador, que se dá em momentos constantes de formação. Sendo um processo contínuo na vida do educador, é continuada porque ela se entrelaça com os vários saberes, constituindo momentos de reflexão tanto pessoal, como sobre a própria prática profissional. A partir dessa reflexão, o educador vai se revendo, vai ampliando seu horizonte de profissional da educação, vai se constituindo enquanto sujeito, educador e, principalmente, vai se alimentando daquilo que é o seu próprio fazer. (PAIXÃO, 2008, p.31)

A concepção de formação continuada apresentada por Freire (1986) e Paixão (2008) é entendida como um momento de reflexão no qual o professor consegue transformar sua experiência e seus conhecimentos em novos conhecimentos profissionais. Este é um processo que se realiza constantemente na vida profissional, com planejamento e estudo, e isso demanda tempo para a realização.

Sabendo que o bullying é o conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais entre alunos, **indagamos se as professoras têm observado esse conjunto de comportamentos entre seus alunos e quais são os atos mais recorrentes do bullying.** Das 15 (quinze) professoras, doze disseram que já observaram e justificaram relatando que a

existência de agressões verbais, às vezes seguida de brincadeiras agressivas, ou mesmo agressões físicas, além de gestos e posturas preconceituosas em relação à raça e aparência física (como excesso de peso). Nesse momento, chama atenção a resposta da professora P6 quando ressalta que, diante das agressões verbais, o que mais a preocupa são as agressões físicas, psicológicas e morais. As outras três responderam que não têm observado, sendo justificado pela P2 que as atitudes (tomar pertences, colocar apelidos, entre outros) observadas entre seus alunos são comuns na fase em que se encontram.

A agressão entre pares na escola pode ser estudada para os alunos, docentes ou funcionários. Há escolas onde estas relações interpessoais são causa de sofrimento de um grupo e parecem estar associadas a um mal-estar generalizado na escola. Estes campos de estudo ainda exigem investigação para que a descrição destas realidades seja mais detalhada e de modo a contribuir para a melhor compreensão do problema e procura de soluções adequadas. (PEREIRA, 2012)

As professoras foram indagadas **sobre as consequências para agressores e vítimas, e seus comportamentos**. A maioria das entrevistadas relatou que os agressores são excluídos das atividades, pois são temidos pelos outros alunos, têm déficit de atenção na aprendizagem, são revoltados, perdem a sensibilidade, são tratados com indiferença e, segundo os docentes, tendem à delinquência e à criminalidade. Para as vítimas, normalmente apresentam quadros de depressão, isolamento, baixa autoestima, defasagem na aprendizagem e retraimento social. Lopes Neto (2011) ressalta que:

As crianças vítimas de bullying podem ter problema relacionado à escola, como faltas frequentes ou abandono. Sentem-se sob risco e infelizes na maioria dos dias, afirmam não pertencer à escola. (Lopes Neto, 2011, p.46)

Conforme pesquisas, o bullying é dividido em duas categorias: bullying direto e indireto. O bullying direto é a forma mais comum entre agressores masculinos, sendo evidenciado por meio de agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger). Já o bullying indireto é mais comum entre mulheres e crianças, e é caracterizado pelo isolamento social da vítima e pela disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação. Diante disso, foi perguntado aos professores **se já observaram algum desses tipos, qual foi a intervenção e qual é o mais negativo ao processo de ensino-aprendizagem das crianças**. Todas responderam que já presenciaram algum tipo, principalmente o direto, intervindo com conversas informais, regras de boa convivência, momentos de reflexão e, em casos extremos,

a condução dos envolvidos para a direção da escola, para que sejam tomadas as providências cabíveis, como encaminhar ao Conselho Tutelar, por exemplo. Quanto ao fato de qual é mais negativo ao processo de ensino-aprendizagem, os docentes enfatizaram que os dois tipos de bullying são negativos. As entrevistadas destacaram que, embora o indireto tenha maior dificuldade para ser descoberto, o direto, principalmente o verbal, é o mais negativo, pois afeta a autoestima, além de expor a vítima ao ridículo, gerando medo e insegurança e favorecendo, assim, as consequências emocionais.

Foi questionado ainda **se existe relação entre o bullying e problemas físicos e psicológicos e quais os comportamentos que se tem observado**. Das quinze professoras pesquisadas, seis responderam justificando que os comportamentos mais comuns são depressão, dores de cabeça, baixo rendimento escolar e autoestima afetada. Sete disseram que não tem relação, uma não respondeu e uma disse que às vezes.

Quanto **ao comportamento dos meninos com bullying**, foi respondido que, com relação às vítimas, são tristes, distraídas, tímidas, inseguras, podendo chegar a ser agressivas. Quanto aos agressores, são indisciplinados, desinteressados, desorganizados e apresentam déficit de atenção. E quando questionadas **se os agressores apresentam dificuldade de aprendizagem**, 10 (dez) responderam positivamente, justificando que alguns não gostam de estudar, têm dificuldade de concentração, são desorganizados. A professora P14 ainda ressalta:

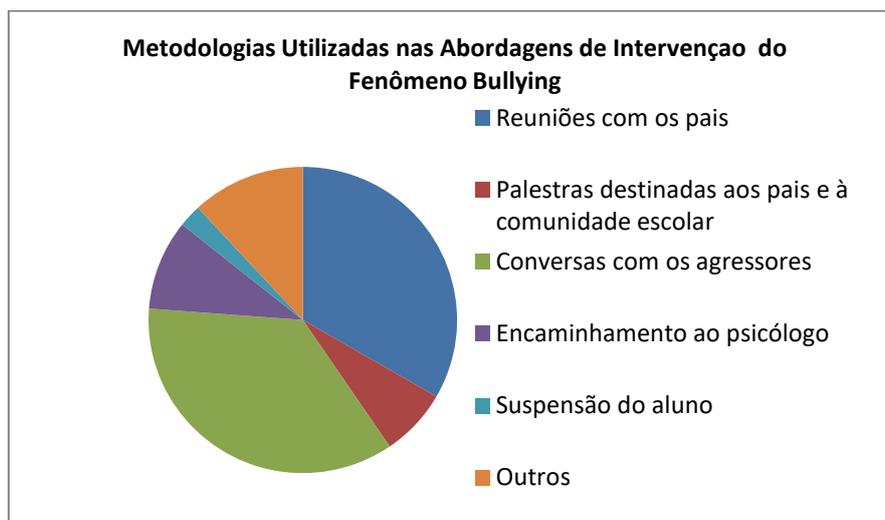
Geralmente os alunos que mais agridem são os que vivenciam no seu meio problemas como drogas, violência. Quase sempre não têm interesse ou compromisso com a aprendizagem, uma vez que não têm muita perspectiva de vida. (Questionário aplicado à professora P14 no mês de agosto de 2012)

A esse respeito, Silva (2010) destaca que:

o fenômeno bullying estimula a delinquência e induz a outras formas explícitas de violência, capazes de produzir, em níveis diversos, cidadãos estressados, com baixa autoestima e reduzida capacidade de autoexpressão. (SILVA, 2010, p.155)

As demais disseram que esses alunos têm bom desempenho escolar, porém gostam mesmo é de provocar os colegas, somente por diversão.

Como proposta, foram organizadas sugestões de estratégias metodológicas para serem utilizadas como processo de intervenção. A partir das respostas foi montado um gráfico com as abordagens de intervenção utilizadas pelos docentes para controle das manifestações do fenômeno bullying durante as aulas.



Fonte: questionário aplicado aos professores nos meses de julho e agosto de 2012.

Diante do exposto, pode-se afirmar que é extremamente importante a família ser informada pela escola a respeito do comportamento de seus filhos, não sendo então responsabilidade somente da escola combater a ocorrência do bullying. Fante (2005) destaca que:

É imprescindível a participação do segmento familiar. Isentar a participação dos pais é equivocar-se na ideia de que a escola é a única responsável pelo processo educacional. (FANTE, 2005, p145)

Em relação aos programas antibullying no Brasil, Fante (2005) afirma que o tema violência tornou-se prioridade em todas as instituições escolares, porém são poucos os programas antibullying desenvolvidos no contexto educacional. A esse respeito, perguntamos aos docentes **se na escola onde eles lecionam existe a adoção de políticas antibullying, quais as estratégias usadas pela escola na ocorrência e como são envolvidos os alunos.** Apenas um docente não se manifestou. Do restante, 3 (três) docentes responderam que a escola desenvolve palestras com o Poder Judiciário da cidade e com o Conselho Tutelar, envolvendo também o PSF – Programa Saúde da Família – com palestras feitas pela psicóloga, além de adotarem como estratégias a advertência, a dinâmica de aconselhamento, a comunicação com os pais e as punições, conforme o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Os alunos também são envolvidos por meio de reuniões com orientadores e supervisores, que abarcam o aluno e a sua família. Os outros 11 (onze) docentes disseram que a escola não possui políticas antibullying, mas que utilizam como estratégias conversas com a

família e com o aluno, debates em sala de aula, encaminhamento ao psicólogo e, quando é mais grave, ao Conselho Tutelar e/ou ao Poder Público. Ainda em relação ao envolvimento dos alunos, são realizadas conversas com todos, sendo desenvolvidas atividades que buscam o bom relacionamento, como debates e pesquisas, a fim de evitar que futuros problemas venham a acontecer.

Destacamos o depoimento da professora P6:

A escola tem vários projetos importantes de socialização, mas, com relação ao bullying, não destaca nenhum projeto significativo, pouco habilita a trabalhar com a afetividade. (Questionário P6)

A professora P6 ressalta ainda que:

Faltam profissionais habilitados para trabalhar com essas crianças nesse aspecto, impossibilitando detectar de forma concisa os problemas, não havendo envolvimento dos alunos. Observa-se que faltam projetos educativos nesse sentido. (Questionário P6)

A esse respeito, Lopes Neto (2011) enfoca que:

Todos os estudantes perdem com a prática do bullying e com a falta de programas voltados à sua prevenção e redução. Sentimentos de descontentamento por estar na escola e queda do rendimento escolar são os sinais mais precoces percebidos. (LOPES NETO, 2011, p.42)

O que nos chamou bastante a atenção foi o fato de a maioria das entrevistadas relatarem que a escola não conta com um programa antibullying, deixando, assim, os professores inseguros quanto às medidas que devem ser tomadas. Em consonância com essa questão, Fante (2005) posiciona-se no tocante a ser imprescindível a prática de projetos que visem sanar o bullying nas salas de aula e na escola.

As medidas adotadas em uma turma devem ser desenvolvidas simultaneamente pelas demais turmas da escola. Um projeto comum da escola é um dos caminhos que podem ser adotados pela escola, onde facilita a integração dos alunos, bem como do profissional. (FANTE, 2005, p.149)

Portanto, existe uma necessidade muito grande que se entenda que esse é um problema que afeta o bem-estar e a aprendizagem dos alunos. Não podemos achar que esse é um assunto de criança e que, por conseguinte, elas devem resolver, ou que o problema é dos pais, ou, ainda, que não exista consequência para a criança autora ou vítima desse fenômeno. Não podemos nos enganar, imaginando que essas atitudes são normais e que passarão com a saída da escola e posterior entrada na vida adulta.

## 3.4. Observação

Durante o período de coleta de dados, foi observado um ato de bullying verbal ocorrido durante o recreio, no qual os agressores chamaram uma aluna de outra sala de “baleia”. A supervisora interveio na resolução da situação e os alunos foram chamados para uma conversa, na qual ela explicou para os agressores a dimensão do erro. Logo depois os mesmos foram encaminhados para se retratarem com a vítima. Durante a retratação, em sala outros casos de bullying verbal foram relatados, nos quais colegas colocavam apelidos pejorativos em outros. A supervisora explicou para toda a turma o mal que isso causa para a pessoa atingida e que isso só traz violência e mal-estar para a turma. Explicou também que não devemos pensar que isso é uma brincadeira, pois o colega pode não entender assim e sentir aquilo como uma ofensa.

No dia seguinte, deparamos com outro ato de bullying, esse com agressões físicas e verbais. Como medida de coibição do ato, a direção e a supervisão da escola suspenderam o agressor e a vítima, solicitando que os mesmos retornassem à escola somente com os pais.

Essas foram duas situações isoladas ocorridas, nas quais foram tomadas as providências cabíveis. Como vimos, os professores dos alunos envolvidos não participaram ativamente das ações de coibição e da solução das duas situações. Fatos como esses são comuns de acontecerem no interior das salas de aula e até nos recreios escolares e ficarem, no entanto, sem solução de imediato, prorrogando a situação e causando à vítima e ao agressor prejuízos que poderão se tornar irreparáveis. Devemos ter consciência que vivemos em uma sociedade violenta, na qual valemos pelo que temos e não pelo que somos. Diante disso, os professores devem estar preparados para evitar e reverter as situações de bullying que ora venham a surgir no dia a dia da sala de aula.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, concluímos que o bullying é, antes de tudo, uma das muitas formas de violência vivenciadas em nossa sociedade. Apesar de complicado à primeira vista, pela falta de informação a respeito, aos poucos esse fenômeno vem sendo desvendado pelos pesquisadores e pela mídia, facilitando o seu reconhecimento e sua identificação, visto ainda por muitos como “brincadeiras de crianças”.

As crianças devem encontrar na escola um ambiente propício para sua aprendizagem e para a construção de relações que foram constituídas juntamente com a família, base para sua

formação segura. Atos de brigas constantes entre os colegas, bilhetes e atos trocando insultos, rixas, deboches em voz alta, intrigas, entre outros, não podem ser entendidos como bobagem de criança, nem chatices sem importância. Todas as interações são comportamentos proximais extremamente relevantes para o autoconhecimento e para a saúde mental individual e coletiva, servindo de bases para a construção segura do indivíduo ao longo do ciclo vital da vida.

Pretendemos com a pesquisa esclarecer e compreender melhor o bullying, ou seja, comportamentos de violência, agressividade verbal e física, repetidos pela mesma pessoa que, com ou sem intenção, transformam em traumas psíquicos muitas vezes irreversíveis para agressores e suas vítimas, de acordo com o grau de intensidade da angústia e do sofrimento.

Destacamos no presente estudo a necessidade e a importância das parcerias entre escola/família/sociedade para que os atos de bullying sejam superados.

Na observação, percebemos que na escola investigada, embora se encontrem em nível inicial, os atos de bullying ocorrem de forma direta, chegando a agressões físicas. Mesmo sendo um novo desafio a ser enfrentado pelos docentes, alguns demonstraram que sabem lidar com o fenômeno.

Percebemos durante a pesquisa que alguns professores e também a supervisora tenta, por meio do diálogo, conscientizar os alunos sobre cultivar valores e uma boa convivência para evitar atos de bullying dentro da escola. Embora essa realidade ainda seja um desafio para os docentes – que não foram capacitados para lidar com esse fenômeno – mediante a fala das entrevistadas, apontamos a falta de programas antibullying na escola.

Portanto, de acordo com o estudo realizado e com os dados coletados e analisados, destacamos a necessidade de uma formação continuada dos professores sobre essa temática, o estreitamento e a adoção de parcerias com a família e outras entidades sociais que possam auxiliar na formação e no combate a esse fenômeno, além da adoção de programas antibullying pelas escolas.

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA: **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência**. Disponível em <http://www.abrapia.org.br>, acesso dia 17/05/11.

ABRAMOVAY, Miriam. **A brincadeira que não tem graça**. disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying/default.asp>, acesso dia 17/05/11.

CUBAS, Viviane. **Violência na escola**. 1993.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens.** Tradução: E gênio de Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova. Editora, 2004.

DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa: 30 de anos de construção social do objeto (1967-1997)** Tradução de Maria de Fátima Simões Francisco. Educação e Pesquisa. São Paulo; V. 27, Nº 1, p. 163-193, Jan/Jun. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas educar para a paz.** Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

LAKATOS, E.M; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying: Saber identificar e como prevenir.** São Paulo: Brasiliense, 2011.

PAIXÃO, L. V. J. Dissertação de mestrado **Analisando e descrevendo as ações de formação continuada desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de Montes Claros, (2002-2006):** Uberaba, 2008.

PEREIRA, B. O. Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Edição: fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Imprensa Portuguesa – Porto. Março, 2002.

PEREIRA, Beatriz. **Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades.** Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Disponível em [repositorium.sdum.uminho.pt](http://repositorium.sdum.uminho.pt), acesso em 25 de outubro 2012.

MEDINA, A.; DOMÍNGUEZ, C. **La Formación del Profesorado en una Sociedad Tecnológica.** Madrid: Cincel, 1989.

NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVIA, Ana Beatriz B. **Bullying: Mentas perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.